

O CONTINENTE VENCEU A ILHA?

THE ECONOMIST Por ora, a intervencionista Paris sai-se melhor que a Londres liberal



Durante anos, os líderes da Europa Continental ouviram dos americanos e dos britânicos que suas economias são esclerosadas, super-regulamentadas e controladas pelo Estado. E que para prosperar no verdadeiro estilo anglo-saxão

precisavam de uma dose de reformas de livre mercado. Mas a fusão econômica global lhes deu a tripla satisfação de expor os riscos da desregulamentação, dar ao Estado um papel mais importante e (o melhor de tudo) esnobar os anglo-saxões.

Na cúpula do G-20, em abril, em Londres, Nicolas Sarkozy, da França, e Angela Merkel, da Alemanha, ficaram lado a lado e insistiram que a recessão não é sua culpa. Merkel nunca foi especialmente fã de Wall Street. Mas o tom da retórica foi dado por Sarkozy. O homem que um dia começou a tornar Paris mais parecida com Londres hoje declara o *laissez-faire* um sistema falido.

Jean-Baptiste Colbert reina novamente em Paris. Em vez de desafiar o dirigismo, os britânicos e os americanos estão ocupados em segui-lo. Gordon Brown adota novas regras financeiras e impostos mais altos. Barack Obama sugere que os Estados Unidos poderiam copiar algumas coisas da França, para consternação de seus conterrâneos mais conservadores. De fato, surgiu uma nova hierarquia européia, com a França estazizante no topo, a Alemanha corporativista no meio e a pobre e velha Grã-Bretanha liberal no chão.

É fácil rejeitar isso como oportunismo político. Mas por trás dele há um grande debate não apenas sobre a direção da União Européia, a maior unidade econômica do mundo, mas também sobre que tipo de economia funciona melhor no mundo moderno. Trinta anos depois que o *thatcherismo* começou a exercer sua cruel magia na Grã-Bretanha, a Europa Continental ainda tende a favor de um Estado-Maior, impostos mais altos, regulamentação mais pesada dos mercados de produtos e trabalho e uma rede de segurança social mais generosa do que tipos mais a favor do livre mercado. . . do, como a Dama de Ferro, tole-



rariam. Então, qual é a evidência de que o modelo continental é melhor?

Os países continentais certamente não escaparam da recessão. A França pode até se sair um pouco melhor que os outros países ricos do mundo, neste ano, mas a Alemanha, prejudicada por suas indústrias de exportação, vai significativamente pior. Mesmo assim, Obama está certo ao admitir que, de certa maneira, a Europa Continental se saiu bem. As duras leis de proteção ao trabalho desaceleraram o desemprego. Os Estados assistencialistas generosos protegeram os que são sempre os primeiros a sofrer, em uma recessão, uma queda acentuada e imediata em suas rendas, e agiram como parte dos "estabilizadores automáticos" que expandem os déficits orçamentários quando os gastos do consumidor encolhem.

Na Grã-Bretanha, e em



GRÃ-BRETANHA. O trabalhista Brown está na berlinda, por conta do modelo herdado de Thatcher



MAWA/HIT/IAF

maior medida nos Estados Unidos, as pessoas se sentiram mais expostas.

A recessão também confirmou algumas forças do modelo continental. A França tem um setor público comparativamente eficiente, graças em parte há anos de investimento em melhores estradas, mais trens de alta velocidade, energia nuclear e até na restauração de antigas catedrais.

Também não é apenas uma questão de bombear cada vez mais dinheiro dos contribuintes. Por qualquer parâmetro, o sistema de saúde da França oferece mais valor pelo dinheiro do que o dos EUA, mais caro. A Alemanha não apenas cuidou de suas finanças públicas com mais

prudência que os outros. Seu modelo voltado para as exportações obrigou suas empresas a conter os custos, tornando-as competitivas não apenas na Europa, mas também globalmente. Por desígnio, assim

como por sorte, grande parte da Europa Continental evitou as bolhas da habitação alimentadas a dívida que brotaram de modo espetacular na Grã-Bretanha e na América (a Espanha é a exceção).

Isso vai durar? As forças que tornaram partes da Europa relativamente resistentes à recessão po-

derão emergir rapidamente como fraquezas em uma recuperação. Pois há um preço a pagar por mais segurança e maior proteção ao emprego: uma lentidão para

se ajustar e inovar que significa, a longo prazo, menor crescimento. As regras contra a demissão que evitam os grandes aumentos do desemprego podem significar a criação de menos vagas em novas indústrias. Os estados assistencialistas generosos que preservam a renda das pessoas tendem a diminuir os incentivos a aceitar novos empregos. O Estado grande, uma das bases de manutenção da demanda nos tempos difíceis, vira um peso para novas firmas dinâmicas quando o crescimento é retomado. As últimas previsões são de que os EUA e a Grã-Bretanha poderão se recuperar da recessão mais depressa que a maioria da Europa.

Os países, de forma individual, têm problemas específicos. Mesmo que tudo o mais desse certo, a excessiva dependência da Alemanha das exportações à custa dos gastos do consumidor mostrou-se uma grande fraqueza em uma recessão. Seus bancos também parecem fracos. O índice de jovens desempregados na França é superior a 20% e poderá ser o dobro nas famosas periferias onde se concentram as populações muçulmanas. A Itália e a Espanha viram aumentos acentuados nos custos unitários do trabalho e seu crescimento da produtivi-

COLCHÃO. A França de Sarkozy e a Alemanha de Merkel protegem mais o trabalhador

dade estagnou ou recuou. Talvez não de mais para o errático Sarkozy voltar a ler Adam Smith.

Para os liberais, mesmo que o ciclo volte em sua direção, a crise financeira e a recessão mostraram defeitos na maneira como eles também implementaram seus modelos. Acertar a regulamentação é tão importante quanto liberar os mercados. Um setor público eficiente pode contar tanto quanto um privado eficiente. O investimento público em transporte, escolas e saúde, quando bem feito, pode dar dividendos. A hierarquia pode mudar, mas o pragmatismo e a eficiência sempre serão importantes.

Mas vejamos como andam as coisas na Grã-Bretanha. A política tornou-se fúnebre. O New Labour foi enterrado por comentaristas ululantes, depois do orçamento falho de abril. Hoje o ismo que provocou o credo híbrido de Tony Blair está aparentemente caindo no esquecimento. O 30º aniversário da primeira vitória da Dama de Ferro na eleição geral, em maio de 1979, foi marcado

Nosso Mundo

por reportagens, muitas vezes exultantes, sobre a morte do thatcherismo.

Há duas correntes para esse diagnóstico. Uma é de que as reformas liberalizantes, particularmente o "Big Bang" de 1986, causaram o *crash* financeiro. Nesta crítica, Thatcher (quando estava no cargo) pessoalmente distribuía de sua bolsa os bônus dos banqueiros. A tese maior é de que o modelo econômico que ela defendia, e que seus sucessores trabalhistas apóstatas adotaram, foi desacreditado. A economia neoliberal thatcherista, diz o argumento, foi fatalmente minada por suas próprias fraquezas internas, depois enterrada após o *crunch*, em meio a uma mistura de gastos keynesianos e nacionalizações. Nenhum de nós é thatcherista hoje.

A primeira acusação só é verdadeira no sentido em que, digamos, o Tratado de Versalhes "causou" a Segunda Guerra Mundial. Passaram-se anos, fatores e governos demais para que a tese se sustente, embora reflita a posição mítica de Thatcher de que, para alguns, ela é a culpada. O argumento mais amplo é simplesmente errado. Os temas da política britânica nos próximos anos serão admissivelmente thatcheristas. Assim como muitas das políticas.

Um motivo nostálgico pode ser o confronto com os sindicatos. O arrocho dos salários e aposentadorias no setor público, que pode ser necessário para cortar o déficit britânico, sem dúvida vai provocar uma séria briga. Outro é a privatização. O Estado assumiu temporariamente as novas alturas predominantes da economia, os bancos. Mas em outros lugares o processo de privatização iniciado por Thatcher e seguido por seus herdeiros continua. Basta ver a disputa entre Gordon Brown e os deputados trabalhistas sobre os planos para os Correios Reais.

Depois há a questão dos impostos. A nova faixa máxima de Imposto de Renda, de 50% para ganhos acima de 150 mil libras (cerca de 500 mil reais), é citada como evidência da combustão do thatcherismo. A Grã-Bretanha não é o mesmo lugar de 1979. E mais complexa, tolerante e hedonista, menos assombrada pelo declínio imperial do que pelos excessos pseudoimperiais. Seus problemas também são

diferentes. Trinta anos atrás, domar a inflação e tornar o país governável foram as principais prioridades de Thatcher. Hoje uma necessidade premente é cumprir uma aspiração que ela nunca percebeu: uma redução drástica da porcentagem da riqueza nacional consumida pelo Estado.

Na França, mesmo em crise, as coisas são feitas de um modo diferente. Apesar de pedidos dos americanos para fazer



mais para aumentar a demanda do consumidor, seu plano de estímulos conta pesadamente com investimentos em infraestrutura, incluindo catedrais, alinhados com sua tradição "dirigista". Um forte Estado beneficente, com taxaço, regulamentação e proteção pesadas, é comum em muitos países europeus continentais. Mas em nenhum lugar é mais pronunciado ou arraigado que na França, onde remonta à construção de estradas, canais e marmutes industriais sob Jean-Baptiste Colbert, o ministro das Finanças e Indústria de Luís XIV.

Nos últimos anos, antes do *crash* financeiro, o que é vagamente conhecido como o modelo

francês sofreu fortes críticas, principalmente por não gerar crescimento ou empregos suficientes. Seus detratores não apenas foram *l'és anglo-saxons* como também incluíram o próprio Sarkozy. Ele pode ser mais conhecido hoje por proclamar o fim do capitalismo *laissez-faire*. Mas foi eleito presidente da França em parte por afirmar que o modelo francês estava moribundo, e escolher os modelos britânico e americano para elogiar.

Antes dele, uma série de relatórios encomendados pelo governo, escritos por autores como Michel Camdessus, um ex-diretor do FMI, e Michel Pébereau, presidente do BNP Paribas, expôs as falhas e os custos do sistema. Os gastos públicos da França representaram 52% do PIB, em 2007, ao lado de 45% na Grã-Bretanha e 37% nos Estados Unidos. Mas, em 1997-2007, seu índice anual de crescimento do PIB ficou abaixo da média da OCDE.

É claro, a economia francesa foi abatida pela recessão global como qualquer outra. As firmas estão cortando a produção e os postos de trabalho. O desemprego atingiu 8,6% em fevereiro. Houve manifestações massa em toda a França em protesto contra as demissões.

£ Mas a economia da França foi atingida menos duramente que muitas. Seu PIB deverá encolher 3% neste ano, segundo o FMI, ante 4,1% na Grã-Bretanha, 4,4% na Itália e 5,6% na Alemanha. É menos dependente de exportações que a Alemanha, e os gastos do consumidor no primeiro trimestre de 2009 foram maiores que no mesmo período do ano passado. O governo, geralmente repreendido por esbanjar, deverá ter um déficit em 2009 (6,2% do PIB) bem inferior ao dos Estados Unidos (13,6%) e da Grã-Bretanha (9,8%).

Com uma mistura de diversão e autossatisfação, os franceses viram os anglo-saxões começarem aparecer, bem... cada vez mais franceses. Obama diz querer que os americanos poupem mais e consumam menos, façam coisas reais em vez de lucros de papel a curto prazo, redistribuam

Em vez de desafiar o dirigismo, os britânicos e americanos querem copiá-lo



COLBERT. Em voga as idéias do ministro de Luís XIV

mais riqueza e forneçam atendimento de saúde a todos. Quando ele esteve em Estrasburgo, no leste da França, cidade hoje ligada por trem de alta velocidade a Paris em pouco mais de duas horas, perguntou invejosamente: "Por que não temos trens de alta velocidade?"

Por trás dos termos vagos e da caricatura, em que exatamente consiste o modelo francês? Ele funciona? Enquanto os governos tentam encontrar o melhor equilíbrio entre o mercado e o Estado, os franceses acertaram esse equilíbrio? Quanto ao Estado como regulador, pode ter protegido a economia francesa da extrema volatilidade, mas isso também vale para o lado positivo. Uma economia mais estável em uma recessão também significa uma economia menos dinâmica e inovadora nos bons tempos. Apesar de todos os seus elementos positivos, o modelo francês ainda não incorporou flexibilidade suficiente, deixando-o com a tarefa de garantir solidariedade, mas não o crescimento dinâmico necessário para sustentá-lo a longo prazo.

Já O modelo alemão funcionava bem, enfrentava as curvas da economia mundial, superava antigos rivais, inspirava inveja. Mas na recessão, por ser voltado às exportações, sofre mais

que os outros. A Comissão Europeia espera que a produção alemã encolha 5,4% em 2009, comparada com uma queda de 4% na União Europeia em geral. O governo alemão prevê um mergulho de 6%. A maior parte da contração será nas exportações.

Países com modelos semelhantes pensam em trocá-los, mas a maioria dos líderes alemães discorda. Os dois principais partidos da grande coalizão, a União Democrata Cristã (UDC), da chanceler Angela Merkei, e o Partido Social Democrata (PSD) estão trocando tiros antes da eleição federal em setembro, mas estão unidos na crença de que as exportações devem continuar sendo o fundamento da prosperidade nacional. A Alemanha, ao contrário de outros países ricos, evitou a desindustrialização, eles apontam. Com uma população

em rápido envelhecimento, também é certo acumular poupanças com um superávit de conta corrente. Seus escassos recursos naturais e a tradição de abertura dirigem a economia para o comércio.

VIVÍSSIMA.
O ideário thatcherista
ainda vai pautar as
discussões na Inglaterra

Como a China e o Japão, a virtuosa Alemanha ganhou a vida com a indulgência dos outros. Entre 2004 e 2007, as exportações líquidas representaram 60% do crescimento. O superávit de conta corrente da Alemanha atingiu folgado 6% do PIB no ano passado, irritando seus parceiros comerciais na Zona do Euro, que não quiseram conter os salários, mas não podem mais recorrer à desvalorização.

Isso não causava preocupação nos bons tempos, mas hoje sim. As exportações vão cair quase 19% neste ano, segundo previsões oficiais. A recuperação não será rápida. A Alemanha certamente será obrigada a fechar parte da produção.

Quando vier a recuperação, o consumo provavelmente terá um peso maior que as exportações. Em 2013, as exportações líquidas representarão 3,25% do PIB, ante 6,3% em 2008, diz urna previsão de oito institutos econômicos. Os gastos do consumidor, enquanto isso, aumentarão de 56,3% do PIB para 57,75%. Essa mudança vai ocorrer em meio a um crescimento lento e menor emprego: a tendência do índice de crescimento entre 2008 e 2013 será de 0,9%, comparado com um crescimento médio de 1,5%, em 1995-2008, segundo os institutos.

Não espere que o governo incentive a mudança, porém. Um governo preocupado com o fato de o crescimento estar inclinado para as exportações poderia reformar o equilíbrio cortando impostos ou elevando os gastos. Mas no final a prudência fiscal vencerá. A contração do PIB mais os dois pacotes de estímulos fiscais do governo vão tirar o orçamento do equilíbrio, em 2008, para um déficit de quase 6% do PIB, em 2010. O próximo governo provavelmente vai querer cortar esse recuo. O título de campeão das exportações pode ter perdido o brilho, mas a Alemanha não vai desistir facilmente. •

*©2009 *The Economist Newspaper Limited*. Todos os direitos reservados.
Fonte: De *The Economist*, traduzido por CartaCapital, publicado sob licença.
O artigo original, em inglês, pode ser encontrado em www.ecofiomisr.com